

O COMÉRCIO EXTERIOR BRASILEIRO EM 2007

Daniela Magalhães Prates

Os principais resultados do comércio exterior brasileiro em 2007, tema desta nota, são tratados com ênfase na evolução dos preços e das quantidades exportadas e importadas¹. Com esse intuito, apresenta-se, na primeira seção, um panorama geral do comércio exterior brasileiro, destacando seus principais condicionantes. Na segunda seção, detalha-se o desempenho das exportações por classe de produtos; e, na terceira seção, o desempenho das importações por categoria de uso. Seguem-se, então, algumas considerações finais.

O COMÉRCIO EXTERIOR EM 2007: UM PANORAMA GERAL

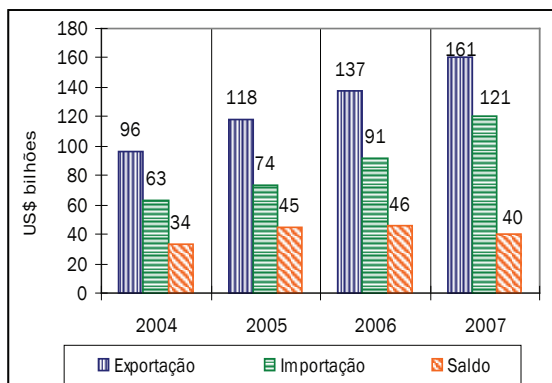
Em 2007, o comércio exterior brasileiro foi superavitário em US\$ 40 bilhões, como resultado do total das exportações e das importações de, respectivamente, US\$ 161 bilhões e US\$ 121 bilhões. Enquanto os valores das vendas e das compras externas atingiam recordes históricos, o saldo, apesar de ainda elevado, retraiu-se em 13% em relação a 2006. Esse constituiu o primeiro recuo desde 2002, quando a balança comercial brasileira tornou-se novamente superavitária, após ter acumulado déficits sucessivos, entre 1995 e 2001, decorrentes da combinação de uma taxa de câmbio apreciada com o aprofundamento da abertura comercial, dois pilares do Plano Real. Os superávits acumulados a partir de então resultaram de três fatores: (i) dos estímulos das desvalorizações cambiais (em 1999, 2001 e 2002); (ii) do crescimento do comércio mundial após 2003; e (iii) do baixo crescimento econômico doméstico (exceto em 2004 e 2007).

O recuo do saldo, em 2007, decorreu do maior dinamismo das compras externas *vis-à-vis* as vendas externas. A diferença entre as taxas de crescimento das importações e das exportações, a favor das

1 Neste artigo, foram utilizadas informações disponíveis até 21 de fevereiro de 2008.

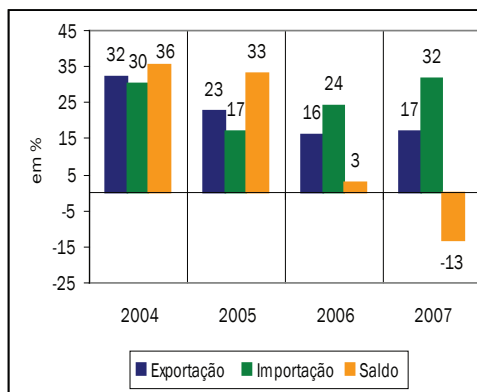
primeiras, que já havia sido registrada em 2006, ampliou-se em 2007. Se, em 2006, as importações haviam crescido 24% e as exportações, 16%, em 2007 as exportações mantiveram praticamente a mesma taxa de expansão, enquanto as compras externas aumentaram 32% (Gráficos 1 e 2).

GRÁFICO 1. VALOR DAS EXPORTAÇÕES, IMPORTAÇÕES E DO SALDO COMERCIAL



Fonte: MDIC. Elaboração: Grupo de Conjuntura Fundap

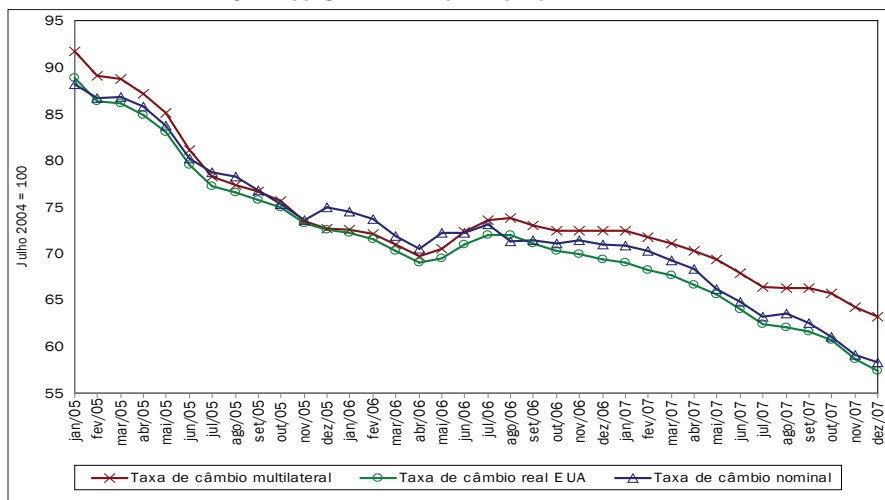
GRÁFICO 2. TAXA DE CRESCIMENTO DAS EXPORTAÇÕES, IMPORTAÇÕES E DO SALDO COMERCIAL



Fonte: MDIC. Elaboração: Grupo de Conjuntura Fundap

É importante examinar tanto os determinantes do maior dinamismo importador como a manutenção de uma taxa ainda elevada de crescimento das exportações, a despeito da continuidade do processo de apreciação cambial (Gráfico 3). A forte expansão das importações está associada a essa apreciação, que torna mais baratos os produtos importados em relação aos produzidos internamente, assim como ao maior crescimento econômico em 2007.

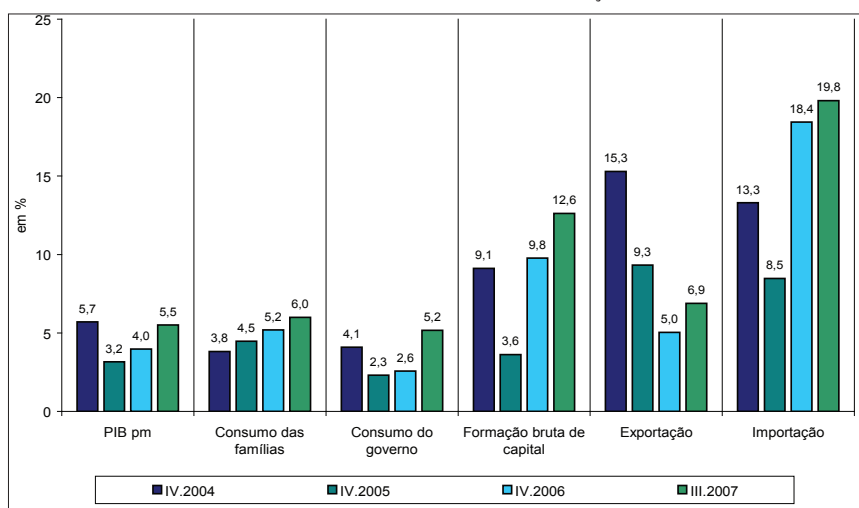
GRÁFICO 3. TAXA DE CÂMBIO NOMINAL E REAL



Fonte: Banco Central do Brasil e Funcex. Elaboração: Grupo de Conjuntura Fundap.

O Gráfico 4 mostra que esse crescimento ancorou-se, sobretudo, na expansão da demanda privada (consumo das famílias e investimento), o que resultou no aumento generalizado das importações (ver terceira seção).

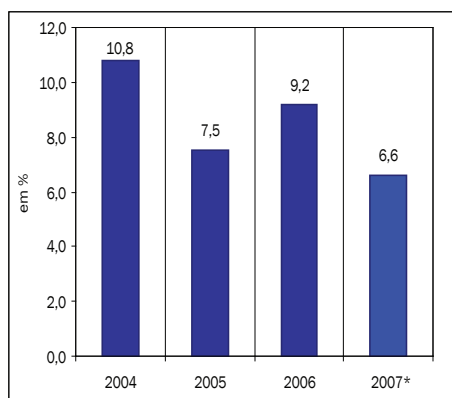
GRÁFICO 4. PIB – COMPONENTES DA DEMANDA: VARIAÇÃO ACUMULADA NO ANO



Fonte: IBGE. Elaboração: Grupo de Conjuntura Fundap.

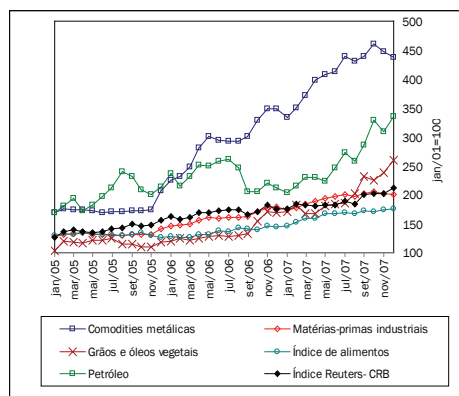
Por sua vez, a expansão de 17% das exportações entre 2006 e 2007, em um contexto de taxa de câmbio real apreciada e maior dinamismo do mercado interno, foi propiciada pela evolução favorável do comércio mundial em termos de quantidade e, sobretudo, de preço. Como mostram os Gráficos 5 e 6, houve uma desaceleração da taxa de crescimento do volume desse comércio em relação aos três anos anteriores (provavelmente como reflexo da desaceleração da economia norte-americana), mas a taxa ainda se manteve elevada (6,6%, segundo estimativa do FMI), enquanto as cotações das *commodities* persistiram em sua trajetória altista, como revela a evolução do índice Commodity Research Bureau (CRB), que acompanha o preço das 19 principais *commodities* negociadas no mercado internacional. Ou seja, o choque externo benigno no âmbito do comércio mundial, que beneficiou as vendas externas brasileiras desde 2003, continuou vigorando em 2007.

GRÁFICO 5. TAXA DE CRESCIMENTO DO VOLUME DO COMÉRCIO MUNDIAL



Fonte: FMI. Elaboração: Grupo de Conjuntura Fundap.
Nota: * Previsão.

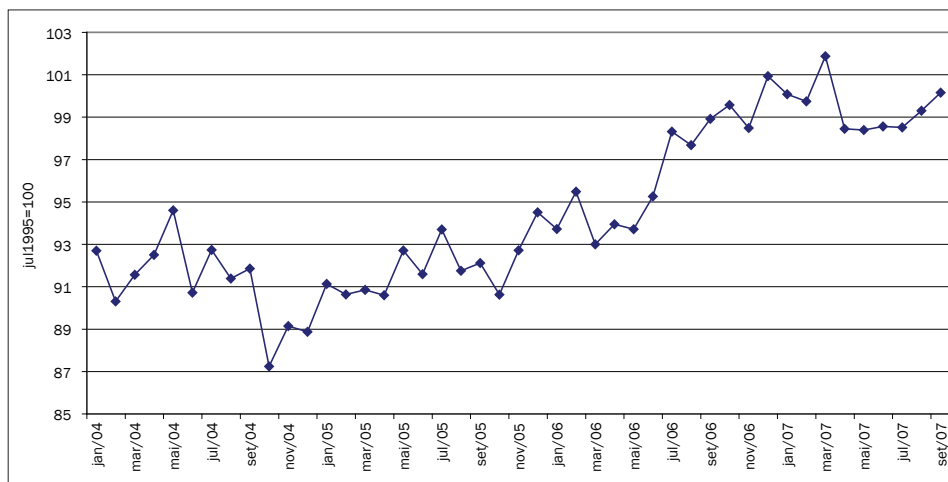
GRÁFICO 6. ÍNDICE DE PREÇOS DAS COMMODITIES



Fonte: Commodity Research Bureau.
Elaboração: Grupo de Conjuntura Fundap.

Tal como está detalhado na seção seguinte, a alta dos preços das principais *commodities* exportadas pelo Brasil (minério de ferro e soja, por exemplo), que resultou em expressiva melhora dos termos de troca do país (Gráfico 7), constitui um dos fatores explicativos da relação *sui generis* entre exportações e taxa de câmbio real no biênio 2006-2007.

GRÁFICO 7. ÍNDICE DE TERMOS DE TROCA



Fonte: Funcex. Elaboração: Grupo de Conjuntura Fundap.

AS EXPORTAÇÕES POR CLASSE DE PRODUTO

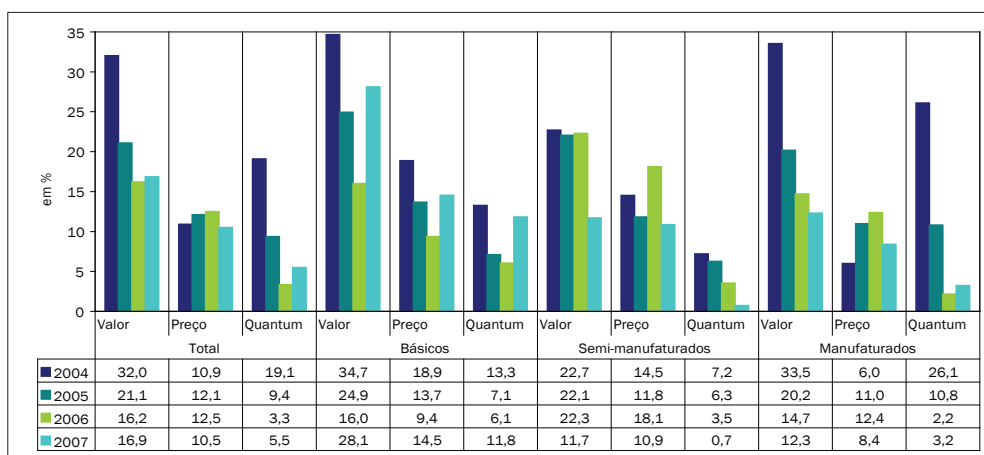
A análise da pauta de exportação por classe de produto contribuiu para elucidar os determinantes da trajetória das vendas externas em 2007, revelando a influência das duas dimensões do choque externo benigno nesta trajetória (alta dos preços das *commodities* e demanda externa pujante, sobretudo da China). Em 2007, como já foi destacado, as exportações registraram, novamente, taxa de crescimento expressiva (ver Gráficos 2 e 8), a despeito do processo de forte apreciação do real e de maior crescimento do mercado interno.

Assim como em 2006, esse desempenho ancorou-se, principalmente, na variação dos preços, que atingiu 10,5%, ante a taxa de somente 5,5% de crescimento do *quantum*. Isso significa que as variações dos preços e do *quantum* contribuíram com 66% e 33%, respectivamente, para o crescimento das exportações (Gráficos 8 e 9). Como destaca o IEDI (2008), há uma diferença marcante entre os biênios 2006/2007 e 2004/2005. Os preços aumentaram em percentuais praticamente idênticos nos dois períodos, mas o desempenho do *quantum* foi bastante distinto. Como em 2004 e em 2005 o patamar da taxa de câmbio era mais favorável ao exportador, as variações de volume foram igualmente mais expressivas do que as variações de preços, sobretudo no setor manufatureiro. Em 2004, a variação do volume de vendas para o exterior chegou a 19,2%, sendo que a taxa alcançou 26,1% no setor manufatureiro.

A maior contribuição dos preços à *performance* das exportações em 2007 foi observada nas três classes de produtos. No caso dos básicos, as contribuições das variações de preço e *quantum* à expansão de 28% do valor exportado foram de, respectivamente, 52% e 42%.

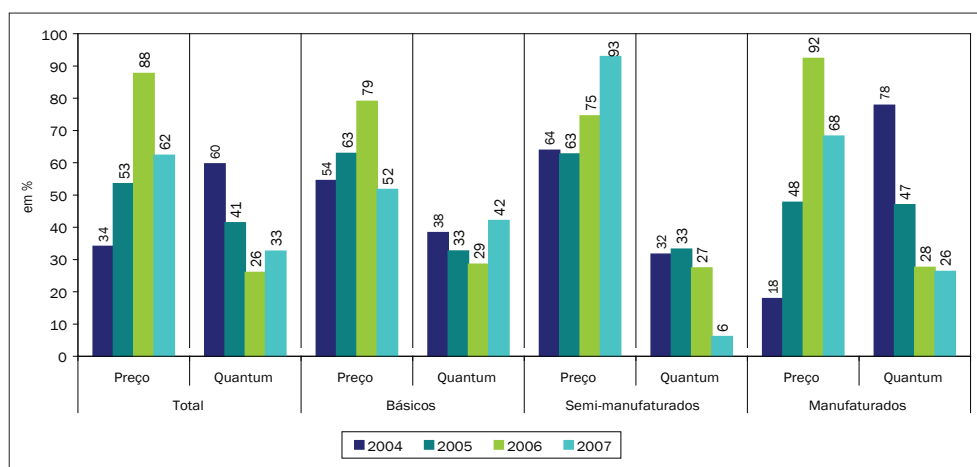
A maior taxa de crescimento do *quantum* – de 11,8%, contra o percentual de 6,1% em 2006 – decorreu do aumento das quantidades exportadas de minério de ferro (+11,1%) e de óleos brutos de

GRÁFICO 8. VALOR, PREÇO E QUANTUM DAS EXPORTAÇÕES POR CLASSE DE PRODUTO



Fonte: Funcex. Elaboração: Grupo de Conjuntura Fundap.

GRÁFICO 9. CONTRIBUIÇÕES DAS VARIAÇÕES DE PREÇO E QUANTUM AO CRESCIMENTO DAS EXPORTAÇÕES



Fonte: Funcex. Elaboração: Grupo de Conjuntura Fundap.

petróleo (+14,5%) – os dois principais produtos básicos exportados pelo Brasil, responsáveis por 20,5% e 17,3% da pauta desses bens, seguidos pela soja (participação de 13%) –, bem como de carne de frango, carne bovina, fumo e milho (cujas quantidades exportadas cresceram 177%, devido à queda da safra em 2006). Todavia, o desempenho dos preços dos básicos foi ainda mais favorável (+14,5% ante a variação de 9,4% em 2006) – graças, sobretudo, à alta das cotações da soja (24,6%), de óleos brutos de petróleo (+12,8%) e do minério de ferro (6,2%). Conjuntamente, esses três produtos (minério de ferro, óleos brutos de petróleo e soja) respondiam por 55% da pauta de produtos básicos.

No caso dos semimanufaturados, a contribuição dos preços para o crescimento do valor exportado atingiu, em 2007, 93%, impulsionada pela persistência da trajetória ascendente dos preços dos produtos derivados de *commodities*, como pastas químicas de madeira (+15,4%), produtos semimanufaturados de ferro e aço (+15,6%), couros e peles (+22,7%), ferro fundido em bruto e ferro “*spiegel*” (+19,7%), ferro-ligas (+79,1%)

e óleo de soja em bruto (45,3%). Conjuntamente, esses bens respondem por 70% da pauta dessa classe de produtos. Já a variação do *quantum* foi praticamente nula, o que explica a sua contribuição de somente 6% ao crescimento de 11,7% das exportações desses bens. A significativa discrepância entre as taxas de crescimento do *quantum* exportado de básicos (11,8%) e semimanufaturados (0,7%) revela que a demanda externa pelas *commodities* exportadas pelo Brasil (concentrada na China) tem-se direcionado para produtos brutos (como minério de ferro, óleos brutos de petróleo e soja em grão), que não passam por nenhum processo de beneficiamento e, assim, têm baixíssimo valor agregado. Dentre os principais produtos semimanufaturados exportados pelo país, mencionados acima, somente dois (pastas químicas de madeira e óleo de soja em bruto) tiveram aumento das quantidades exportadas (de, respectivamente, +5,3% e +1,5%).

Resta esclarecer o desempenho das exportações de manufaturados, as quais, mesmo sendo mais sensíveis à evolução do câmbio real e à taxa de crescimento econômico interna, mantiveram um ritmo de expansão relativamente elevado (+12,3%), associado, principalmente, ao crescimento dos preços (+8,4%) e, em menor medida, do *quantum* (+3,2%). Enquanto o crescimento pouco expressivo do *quantum* reflete, exatamente, os condicionantes internos desfavoráveis ao crescimento das vendas externas (câmbio apreciado e demanda doméstica aquecida), a evolução favorável dos preços dessa classe de produto decorre, em parte, da inclusão, na categoria de manufaturados, de alguns produtos que são *commodities* e cujos preços também se elevaram, dentre os quais: laminados planos de ferro e aço (+25,6%), óleos combustíveis (+18,2%), gasolina (+11,7%) e suco de laranja congelado (+47,3%).

A mudança da composição da pauta de bens manufaturados estrito senso (ou seja, produtos genuinamente industrializados), entre 2006 e 2007, também contribuiu para explicar essa evolução. Por um lado, elevou-se nesse período a participação de aviões, o produto de maior preço médio dessa pauta. Por outro lado, também cresceu a participação de alguns produtos cujos preços médios aumentaram no biênio, tais como motores, geradores, transformadores elétricos e suas partes (+14,6%), tratores (8,3%). A alta desses preços deve estar associada à estratégia adotada pelas empresas desses setores, que reajustaram seus preços no mercado externo, procurando compensar ou atenuar a perda de rentabilidade decorrente da evolução adversa da taxa de câmbio. O fato de as exportações desses bens, de maior valor agregado e conteúdo tecnológico, direcionarem-se, principalmente, para os países da América Latina certamente contribuiu para o êxito da estratégia, dado o maior poder de formar preços dos produtores brasileiros nesses mercados (*vis-a-vis* ao mercado norte-americano), num contexto de aceleração do crescimento econômico (associado à conjuntura de alta de preços das *commodities*, que beneficiou os países da região, sobretudo Chile, Peru e Venezuela).

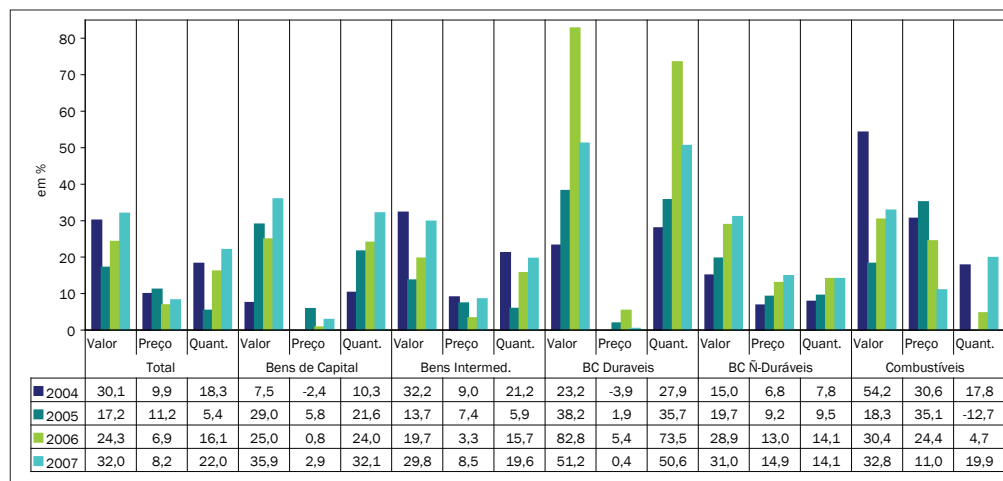
IMPORTAÇÕES POR CATEGORIA DE USO

A análise mais detalhada das importações será feita a partir de sua classificação por categoria de uso. Essa abertura permite apreender de forma mais precisa as relações entre o desempenho das compras externas e seus principais determinantes – quais sejam, a trajetória da taxa de câmbio e o crescimento econômico doméstico (ver primeira seção).

Ao contrário das exportações, o forte crescimento do valor das importações (32%), em 2007, decorreu, sobretudo, da expansão das quantidades, que atingiu 22%, ante a variação de 8,2% dos preços (Gráfico 10). As contribuições das variações do *quantum* e dos preços para esse crescimento foram de,

respectivamente, 68,8% e 25,8%. Vale destacar que, somente em 2004, a taxa de crescimento do *quantum* importado aproximou-se desse percentual (18,3%). Naquele ano, o PIB cresceu a uma taxa superior (5,7%) à nossa estimativa para 2007 (5,2%).

GRÁFICO 10. VALOR, PREÇO E QUANTUM DAS IMPORTAÇÕES POR CATEGORIA DE USO



Fonte: Funcex. Elaboração: Grupo de Conjuntura Fundap.

Três fatores explicam a maior taxa de expansão do *quantum* em 2007, apesar do crescimento econômico menos intenso em relação ao de 2004. O primeiro foi o patamar mais apreciado da taxa de câmbio (ver Gráfico 3). O segundo, a composição do crescimento. O terceiro foi o maior crescimento do mercado interno. Enquanto, em 2004, a expansão do PIB ancorou-se no dinamismo das exportações (ver Gráfico 4), em 2007 a expansão esteve vinculada ao crescimento do consumo e do investimento doméstico (como já destacado na primeira seção), que tem vazado para o exterior na forma de importações de bens de consumo, sobretudo duráveis, e de bens de capital, como detalhado a seguir.

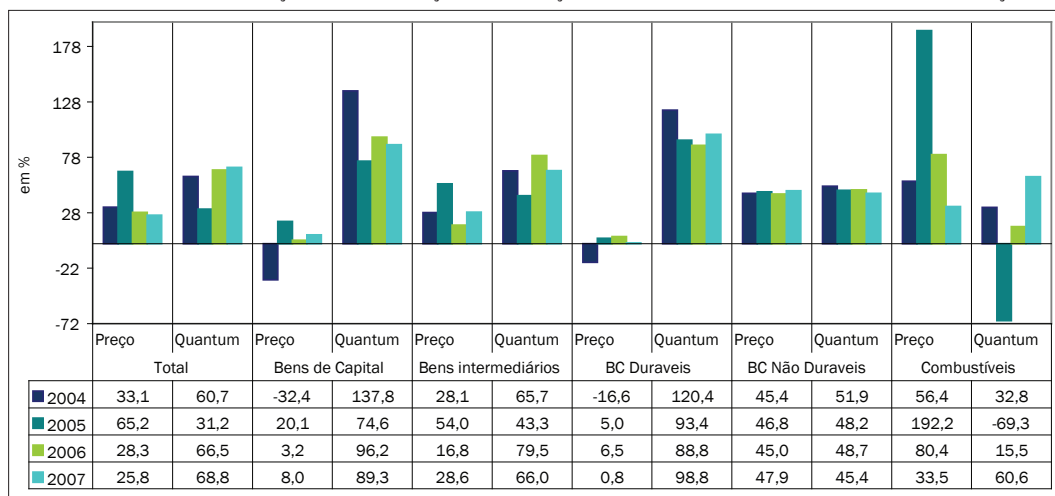
A combinação “câmbio apreciado–crescimento do mercado interno” resultou num aumento expressivo do coeficiente de penetração das importações, que consiste na relação entre o valor das importações e o consumo aparente (produção mais exportação menos importação). Segundo estimativas da LCA Consultores (LCA, 2008), esse coeficiente, calculado a preços constantes de 2004, atingiu cerca de 20% no terceiro trimestre de 2007, ante o percentual de 15,5% no último trimestre de 2004². Do total de 21 setores abrangidos, somente quatro registraram queda do coeficiente em questão³.

A análise desagregada das importações por categorias de uso sanciona as conclusões do estudo da LCA. O crescimento generalizado das compras externas entre essas categorias, ancorado, principalmente, no aumento do *quantum*, revela que as compras externas tiveram papel fundamental na oferta doméstica de bens, em 2007. Somente no caso de bens de consumo não duráveis, a variação de preços foi mais expressiva e equivalente àquela do *quantum* (14,9% e 14,1%), o que resultou em contribuições semelhantes ao crescimento do valor (de 47,9% e 45,4%, respectivamente; Gráfico 11). Esse aumento dos preços dos bens não duráveis decorreu, sobretudo, da alta dos preços dos alimentos – que respondem por 26% do total das importações desses bens.

2 O cálculo a preços constantes é mais rigoroso, pois elimina as mudanças de preços e da taxa de câmbio ocorridas desde 2004.

3 As atividades industriais abrangidas pelo estudo representam 90% do total do valor da produção industrial.

GRÁFICO 11. CONTRIBUIÇÕES DAS VARIAÇÕES DE PREÇO E QUANTUM AO CRESCIMENTO DAS IMPORTAÇÕES



Fonte: Funcex. Elaboração: Grupo de Conjuntura Fundap.

Nas demais categorias de uso, a variação do *quantum* foi bem mais expressiva: em ordem decrescente, +50,1% em bens de consumo duráveis, +32,1% em bens de capital; +19,9% em combustíveis; e +19,6% em bens intermediários. Com isso, as contribuições dessa variação, para o crescimento do valor, foram de, respectivamente: +98,8%, +89,3%, +60,6% e +66% (ver Gráficos 10 e 11). No caso dessas categorias de uso, o crescimento mais expressivo dos preços foi registrado em combustíveis (+11%), devido à alta dos preços do petróleo no mercado internacional (ver Gráfico 6).

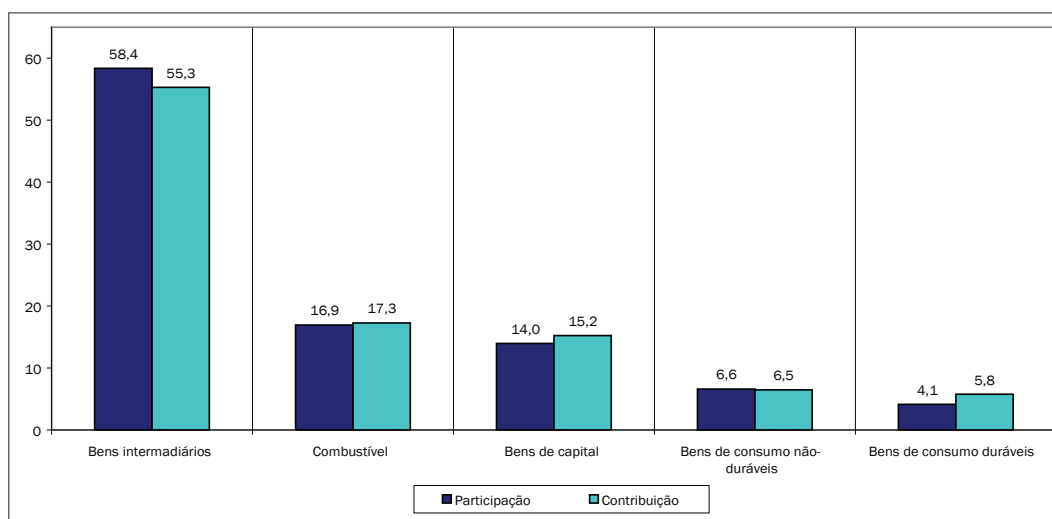
Antes de finalizar esta seção, é importante destacar que, a despeito do *boom* de importações de bens de consumo duráveis (sobretudo de automóveis, cuja contribuição ao crescimento das compras externas desses bens foi de 61%), sua contribuição ao crescimento das importações em 2007 foi de somente 5,8% (Gráfico 12). Isto porque a participação desses bens na pauta importadora ainda é pequena (4,1% em 2007).

A decomposição do crescimento das importações entre as categorias de uso mostra que 55% da expansão do valor, em 2007, é explicada pelas compras externas de bens intermediários e 15,2% pelas importações de bens de capital. Ou seja, cerca de 70% dessa expansão decorreu da aquisição de insumos e máquinas e equipamentos pela indústria e agropecuária. Se, no curto prazo, esse é um cenário favorável – pois a aquisição desses bens no exterior, além de aliviar a pressão sobre a oferta doméstica e, assim, sobre a inflação, permite a modernização do parque industrial –, no médio e longo prazos pode resultar no encolhimento da cadeia produtiva doméstica e na consolidação de um elevado coeficiente de penetração das importações.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em 21 de fevereiro de 2008, o Banco Central do Brasil (BCB) divulgou uma informação de fundamental importância para a análise do setor externo do país: a mudança inédita – para a economia brasileira – de sua posição externa de devedora para credora líquida. Segundo estimativas do BCB, em janeiro, os ativos brasileiros no exterior (constituídos fundamentalmente pelas reservas internacionais) superaram a dívida externa total em US\$ 7 bilhões. O principal determinante dessa inversão virtuosa de sinal na nossa posição externa líquida foram os resultados positivos nas transações correntes re-

GRÁFICO 12. PARTICIPAÇÃO NO TOTAL E CONTRIBUIÇÃO AO CRESCIMENTO DAS IMPORTAÇÕES EM 2007



Fonte: MDIC. Elaboração: Grupo de Conjuntura Fundap.

gistrados nos últimos cinco anos, viabilizados, por sua vez, pelos sucessivos e crescentes (até 2006) superávits na balança comercial.

É preciso, todavia, avaliar de forma cautelosa essa surpreendente situação externa – que, segundo a imprensa e alguns analistas, permitirá ao Brasil alcançar a tão esperada classificação “grau de investimento”. Por um lado, esse cálculo subestima o passivo externo do país, pois não considera o estoque de investimento estrangeiro de portfólio no mercado financeiro doméstico, aplicado em ações e títulos públicos de renda fixa, que atingiu US\$ 214 bilhões em dezembro de 2007. Por outro lado, a condição *sine qua non* para a sua sustentabilidade é a manutenção de superávits na balança comercial, num patamar suficiente para financiar as remessas de serviços e rendas (que também traçaram uma trajetória altista nos últimos anos em função do aumento dos estoques de investimentos estrangeiros no país, seja direto, seja de portfólio) e, assim, evitar o retorno dos déficits em transações correntes.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRADESCO. Departamento de Pesquisas e Estudos Econômicos. Commodities agrícolas. *Destaque Diário*, 17 jan. 2008.

BRADESCO. Departamento de Pesquisas e Estudos Econômicos. Impacto do aumento do preço do minério de ferro sobre a inflação e o saldo comercial. *Destaque Diário*, 19 fev. 2008.

IEDI – INSTITUTO DE ESTUDOS PARA O DESENVOLVIMENTO INDUSTRIAL. Comércio exterior: preço e quantum na dinâmica das exportações brasileiras. *Análise IEDI*, São Paulo, 6 fev. 2008. Disponível em: <<http://www.iedi.org.br>>

LCA Consultores. Forte aumento da penetração das importações deve ter continuidade. *Análise LCA*, São Paulo, 21 fev. 2008.